



## A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS PARA O DESENVOLVIMENTO CULTURAL E FORMATIVO DE CRIANÇAS RIBEIRINHAS NA ILHA DO COMBÚ EM BELÉM DO PARÁ

Milena de Oliveira Sampaio

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

**Resumo:** Optou-se pelo respectivo tema por representar um campo de comum interesse dos autores, o qual foi despertado por meio das leituras e vivências voltadas para a Infância, Cultura e Educação. O tema se torna significativo, à medida que compreendemos a importância das brincadeiras para a formação integral da criança enquanto sujeito produtor de cultura. Por este motivo, investigar-se de que maneira as brincadeiras contribuem para a vida e o futuro das crianças ribeirinhas na ilha do Combú? Qual a importância das brincadeiras para o desenvolvimento cultural, físico, social e psíquico na formação das crianças ribeirinhas na ilha do Combú? Como os materiais regionais são usados no ato de brincar das crianças ribeirinhas na ilha do Combú? Sendo assim, procurou-se compreender a importância para o desenvolvimento integral e formativo das crianças na ilha. Compreendendo as formas de organizações por partes delas e, enfatizando os tipos de brincadeiras e regras existentes da região, além de que procurou-se entender acerca dos instrumentos que fazem parte do cotidiano desse público em questão. Desta forma, cada passo ocorrerá através do apoio teórico dos autores Teixeira & Alves (2008); Castro; Almeida & Souza; Et al. (2014) e; Queiroz, Maciel & Branco (2006); Pereira (2013); Vygotsky (1994; 1998); para guiar-nos a captação e alcance de nossos objetivos. Portanto, este tudo nos trouxe a clareza de territorialidade geográfica da ilha, no qual pode-se identificar que as principais brincadeiras refletem as atividades econômicas da ilha.

**Palavras-chave:** Brincadeira; ribeirinho; Ilha do Combú; cultura; desenvolvimento.

### Introdução

Optou-se pelo respectivo tema por representar um campo de comum interesse dos autores, o qual foi despertado por meio das leituras e vivências na disciplina Infância, Cultura e Educação. A curiosidade pela temática surgiu a partir do curta-metragem de David Rakees “Disque quilombola”, que nos propiciou um olhar indagador para as comunidades não urbanas, em especial, as localidades ribeirinhas na ilha do Combú em Belém do Pará. O tema se torna significativo, à medida que compreendemos a importância das brincadeiras para a formação integral da criança enquanto sujeito produtor de cultura, e por ser notório a pouca visibilidade do tema acerca da brincadeira ribeirinha nos estudos e pesquisas atuais. Por este motivo, opte por investigar de que maneira as brincadeiras contribuem para a vida e o futuro



das crianças ribeirinhas na ilha do Combú, considerando que o ambiente e a cultura local são fatores essenciais para o desenvolvimento dos mesmos.

Nas últimas décadas, alguns documentos no campo da educação vêm se consolidando e ressaltando a importância da brincadeira. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) aprovado em 1998, menciona que a brincadeira está colocada como um dos princípios fundamentais, defendida como “o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil” (BRASIL, 1998a, p.13). Sendo assim, entendemos que a brincadeira possui uma função social fundamental, pois é por meio dela que os “[...] participantes de determinados grupos resgatam valores, regras e habilidades sociais fundamentais para o desenvolvimento humano” (REIS et al., 2014, p.747) experimentando de um mundo mais lúdico, construindo valores simbólicos que influenciam em seus aspectos afetivos, emocionais, cognitivos, motores e sociais. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009)27, traz em seu Artigo 4º, a criança essencialmente como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

À vista disso, em concordância com DCNEI/2009, a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, o qual traz consigo diversas aprendizagens e habilidades para o desenvolvimento integral das crianças. Ao perceber as interações e a brincadeira que reflete a cultura das crianças e delas com os adultos, é possível identificarmos a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação de emoções.

Nesse sentido, este trabalho torna-se socialmente importante à medida em que conseguiremos ter um olhar mais diversificado com relação à infância e o ser criança em diferentes contextos de aprendizagem, pois “[...] pensar a brincadeira a partir da universalidade e diversidade permite entender o papel ativo de crianças/adolescentes no processo de transmissão de cultura, o qual envolve a construção de significados veiculados adultos e pelos grupos de pares” (REIS et al., 2014, p.747). Dando a devida importância de compreensão que “[...] a criança é um ser em desenvolvimento, sua brincadeira vai se estruturando com base no que é capaz de fazer em cada momento” (QUEIROZ et al., 2006, p.170). Desta forma, mesmo que as brincadeiras possuam caráter universais, compreendemos



também, que as mesmas se diferenciam conforme as localidades e as realidades socioculturais. Nessa perspectiva, destaca-se a importância de interpretar que isso se construiu e se constrói “[...] de modo diferente em cada grupo distribuído geograficamente no espaço, ainda, contendo elementos que se moldaram à cultura, ao contexto histórico e às necessidades que surgem ou que são criadas ao longo do tempo” (OLIVEIRA *et al.*, 2018, p. 3) a brincadeira deve levar em consideração os contextos sociais de modo específico no local em que ocorre, pois não é possível separá-lo e para compreendê-lo é necessário relacionar o valor e o espaço geográfico em que lhe é determinado, só assim será possível derivar o conceito do brincar infantil.

À vista disso, ao escolher a ilha do Combú, como temática para reflexão, buscaremos entender como as crianças ribeirinhas se relacionam no contexto e como experimentam e produzem cultura através das brincadeiras cotidianas regionais. Analisando, os processos históricos que englobam essas comunidades e suas formas de organização, procurando identificar a importância para o desenvolvimento integral e formativo das crianças na ilha do Combú. Neste trabalho, pretendo apresentar os tipos de brincadeiras e regras existentes na região, além de verificarmos acerca dos instrumentos que fazem parte do dia-a-dia desse público em questão. Isso posto, tem-se aqui um estudo de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e de análise documental e jornalística, sem apoio financeiro de fomento científico por retratar de uma pesquisa de cunho avaliativo do curso de pedagogia, para a disciplina Infância, Cultura e Educação. Desta forma, cada passo ocorrerá através do apoio teórico dos autores Teixeira & Alves (2008); Castro; Almeida & Souza; Et al. (2014) e; Queiroz, Maciel & Branco (2006); Pereira (2013); para guiar-nos a captação e alcance de nossos objetivos, fazendo-se uma conexão entre a realidade sociocultural dos adultos e o fazer cultura das crianças.

### **A brincadeira como principal atividade lúdica da infância**

A Ilha do Combú é conhecida por suas variedades de sabores, natureza e um ponto turístico bastante procurado por indivíduos de dentro e fora do estado, sendo a maior produtora de açaí da região insular de Belém, a qual auxilia na economia/movimentação de bens provenientes dos ribeirinhos que residem nesta localidade. Sendo a quarta maior ilha do estado, estando apenas a 1,5 km de distância da cidade de Belém, cruzando o Rio Guamá. A



qual refere-se também, a uma área de proteção ambiental, de acordo com a Lei nº 6.083, de 13 de novembro de 1997.

Para compreendermos esta realidade, precisamos ter em mente que cada região produz os seus costumes, hábitos e, maneiras de se viver, tanto em sua forma de educar os filhos quanto na formação do mercado de trabalho, podendo haver adaptações em suas vivências, variando de família para família, pois cada uma tem a sua maneira de agir e pensar, visto que é a partir de uma cultura que “[...] o homem se identifica e modifica de acordo com suas necessidades” (VANNUCCHI, 2002, p. 24). Quando retratamos de um contexto ribeirinho, é preciso entendermos que descrever as brincadeiras destas localidades, um espaço miscigenado pelas culturas negras, indígenas e brancas, localizado, geralmente, à margem de rio e que mantém intrínseca relação de constituição material e identidade com seus elementos socioculturais, significa entender as variações e as funções da brincadeira no referido contexto. (CASTRO, 2014, p. 747).

Segundo Valsiner (1997, 2000), a cultura constitui um sistema de significados compartilhados e vivenciados pelos membros de um determinado grupo social. O autor expõe que, a cultura é um aspecto importante na construção do sujeito, narrando que a relação entre indivíduo e a cultura é uma via de mão dupla, ao explicar que ao mesmo tempo em que o sujeito é constituído socialmente pela cultura coletiva, ele desenvolve um sistema de significados pessoais, que constituem sua cultura pessoal e podem ser repassados para gerações futuras.

A perspectiva do contexto de ensino aprendizagem se dá na interação desde o momento do nascimento até o fim da vida. O conhecimento é fomentado a partir da vivência com o próximo, tendo assim, o papel de estímulo primordial o contato com indivíduos de dentro da mesma comunidade, com a intencionalidade de partilhar vivências, práticas, questionamentos, pensamentos, etc. Sabe-se que a infância é o tempo em que a criança deve se introduzir na riqueza da cultura humana histórica e criada, reproduzindo aquilo que fora aprendido com seus familiares, onde pode-se observar principalmente o contato com outros indivíduos, relações de amizade, etc. Desde o nascimento, a criança aparece como agente ativo no meio, com característica pré-moldadas pela concepção do meio sociocultural que a mesma se faz presente: exemplificando no próprio contexto que será abordado dentro do texto, temos uma criança ribeirinha do sexo masculino, que futuramente aprenderá a colher



frutos do açazeiro, vender na cidade, fazer barcos, pescar, além de servir como instrumento de ensino para as futuras crianças da ilha, etc.

Como cada indivíduo, cada cultura é singular, podendo ser adaptada por futuras gerações, assim como exposto por Laraia (2008, p. 68) ao dizer que “À nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade”. Dessa forma, o reconhecimento da criança como sujeito de direitos, indivíduos sociais e co-constutora de cultura, ainda é bastante questionado por adultos, visto que a criança expressa essas vivências no cotidiano por meio da fala, dos gestos e movimentos, das ações, nos momentos de brincadeiras, entre outras. Corsalo (2002 *apud* PEREIRA, 2013, p. 115) afirma que “[...] o processo é reprodutivo no sentido em que as crianças não só internalizam individualmente a cultura adulta que lhes é externa, mas também se tornam parte da cultura adulta, isto é, contribuem para sua reprodução através das negociações com adultos e da produção criativa de uma série de culturas pares com as outras crianças.”, observando o contato com novas realidades através do contato com o outro, por meio das relações estabelecidas.

Na visão Vygotsky (1994), o brincar é visto como atividade social humana, histórica e cultural, por este motivo consideramos que é a principal atividade da infância, independentemente do local, cultura ou status socioeconômico, as crianças encontram maneiras de entreter-se e desenvolver sua própria recreação, além de por meio dela, interagir com pais, adultos e coetâneos assim como explorar o meio ambiente (QUEIROZ; MACIEL; BLANCO, 2006). Para Vygotsky (1998) as crianças fazem o uso de atividades lúdicas para satisfazer desejos que muitas vezes não podem ser realizados imediatamente como é o caso das brincadeiras de faz de conta em que as crianças experimentam diferentes papéis sociais – papai, mamãe, médico, etc. – e assim interpretam e reinterpretam as relações sociais que as cercam. Apesar disso, de acordo com Queiroz, Maciel e Blanco (2006 citando VYGOTSKY, 1998) não se deve limitar a interpretação das brincadeiras somente a satisfação de instintos infantis, mas como uma atividade em que significados sociais historicamente produzidos são construídos assim como novos que poderão ser desenvolvidos individualmente e/ou coletivamente. Dessa forma, pode-se dizer que,

A partir da brincadeira, a criança constrói sua experiência de se relacionar com o mundo de maneira ativa, vivencia experiências de tomadas de decisões. Em um



jogo qualquer, ela pode optar por brincar ou não, o que é característica importante da brincadeira, pois oportuniza o desenvolvimento da autonomia, criatividade e responsabilidade quanto a suas próprias ações. (QUEIROZ; MACIEL; BLANCO, 2006, p. 170).

Os objetos com os quais as crianças usam nas brincadeiras são representações em sua cultura e a relação sujeito-objeto se modifica à medida que a criança se desenvolve (QUEIROZ; MACIEL; BLANCO, 2006). O que antes era uma relação de predominância em que o objeto determina como a criança iria brincar, com o passar do tempo se torna maleável e a relação sujeito-objeto-significado se modifica, possibilitando assim, que a criança não apenas reproduz aquilo que o objeto representa culturalmente a partir da brincadeira, mas que crie novos sentidos àquele brinquedo e a utilize da forma que a interpreta individualmente. Em consonância a isso, segundo Vygotsky, “A criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação ao que vê. Assim, é alcançada uma condição que começa a agir independentemente daquilo que vê”. (VYGOTSKY, 1998 apud QUEIROZ; MACIEL; BLANCO, 2006, p. 127). Portanto, apesar do brinquedo inicialmente exercer uma relação que faça a criança reproduzir o significado do mesmo, com o tempo e desenvolvimento a criança irá, por meio da brincadeira, reinterpretar e ressignificar os objetos, pois:

A brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. Em situações dela bem pequena, bastante estimulada, é possível observar que rompe com a relação de subordinação ao objeto, atribuindo-lhe um novo significado, o que expressa seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento. (QUEIROZ; MACIEL; BLANCO, 2006, p. 171).

A teoria da zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky é definida pela distância entre o desenvolvimento real – esta refere-se à solução independente de problemas – e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela solução de problemas sob a orientação de um adulto ou companheiro mais capaz (VYGOTSKY, 1998 apud QUEIROZ; MACIEL; BLANCO, 2006, p. 97). Dessa forma, principalmente as brincadeiras de faz de conta, “[...] proporcionam o funcionamento da criança na zona proximal e, portanto, promove o desenvolvimento infantil”, pois no momento em que um objeto é representado por outro, a criança passa a se relacionar com significado a ele atribuído, e não mais com o objeto em si – o que promove o pensamento abstrato (VYGOTSKY, 1998 apud QUEIROZ; MACIEL; BLANCO, 2006, p. 97). Além disso, Suber e Conti afirmam que essa brincadeira requer a meta representação, assim oferecendo pistas de que a criança consegue entender sua própria



mente e a mente do outro (SUPERB; CONTI, 1998 *apud* QUEIROZ; MACIEL; BLANCO, 2006).

Cordazzo e Vieira (2007, p. 93 *apud* LEONTIEV, 1994) afirmam que a característica social é uma mola propulsora para o desenvolvimento infantil, visto que, é na atividade lúdica que as crianças descobrem as relações existentes entre os homens além de se apropriar dos códigos culturais e de papéis sociais (BROUGÈRE; WAJSKOP, 1997 *apud* CARDOZZO; VIEIRA, 2007, p. 93). No estudo de Teixeira e Alves (2008) sobre as brincadeiras na Ilha do Combú, pode-se perceber como a brincadeira possibilita que as crianças ribeirinhas incorporem a cultura do local onde vivem. Mesmo não tendo os materiais exatos que são utilizados por exemplo, na extração de açaí ou na pesca, por meio do faz de conta, elas utilizam objetos acessíveis como pedras para representar frutos e galhos para representar a canoa. Dessa forma, elas interpretam as relações socioculturais e as reproduzem, assim possibilitando o desenvolvimento das suas percepções culturais.

### **A importância das brincadeiras ribeirinhas na Ilha do Combú**

As crianças que vivem à margem do rio Guamá, na ilha do Combú, partilham de identidades específicas de localidades ribeirinhas. A geografia delimita a vida da população que vive da pesca e da extração de frutos do açaí. Às margens do rio abundam palmeiras de buriti, de onde seus moradores extraem os frutos do açaí, muito apreciado em centros urbanos. Esse modo de vida leva as crianças a reproduzirem o mundo do trabalho adulto, brincando de pescar, de pilotar os barcos, de vender açaí, além de produzirem seus próprios brinquedos com as ferramentas que a natureza oferece.

A criança da ilha, desde muito cedo auxilia os seus pais e/ou responsáveis na colheita do açaí, separando os frutos bons, na confecção de embarcações, na produção de alimentos, etc. As atividades econômicas que geram renda na ilha também fazem parte do contexto do brincar da infância, visto que muitas acompanham os pais na ida para a cidade de Belém, para vender as matérias primas que foram extraídas da localidade da ilha (sejam na área da pesca, frutas presentes na região, etc). Dessa forma faz com que, a criança considere essa perspectiva e tome consciência de que, futuramente (se assim desejar), executará tal profissão, seguindo os passos de seus pais e/ou responsáveis, tendo a natureza como sua matéria prima principal, sendo analisada como símbolo de faturamento (ou manufatura), pois:



[...] os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto os instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução de ordem social [...] (BORDIEU, 2009, p. 10).

O mundo do trabalho, reflete no modo de fazer cultura através das relações entre as crianças no seu momento de brincar, pois representam afazeres da vida real. Segundo Teixeira (2008), O Rio Guamá, o Igarapé do Combú, e os terreiros são os principais espaços utilizados para brincar pelas crianças ribeirinhas do Combú. No rio e no igarapé eles organizam várias brincadeiras, como brincar de pescar, pegar caranguejo, passear de canoa, jogar bola, nadar, subir em árvores, correr nos terreiros e nas pontes, procurar objetos nas matas e, passear de canoa. As brincadeiras observadas com mais frequência conforme a sua pesquisa de campo foram as de faz-de-conta ou jogo de papéis, seguidas de outros tipos de brincadeiras.

Em 2016, o jornal SBT Pará realizou uma reportagem sobre uma “Colônia de Férias Ilha do Combú”, em uma Escola Municipal Milton Monte, onde intuito era trabalhar atividades mais lúdicas com as crianças da região, a valorização da cultura ribeirinha, trabalhando com matérias regionais e aproveitando ao máximo o que a ilha disponibiliza de espaço para brincar. Foram desenvolvidas atividades como artesanato, ensinando-os a como usar uma folha de açazeiro e transformar em um brinquedo da preferência da criança, pois o aproveitamento dos materiais encontrados no contexto ribeirinho promove novos conhecimentos à medida que os brincantes exploram os instrumentos na execução das brincadeiras e na construção de brinquedos, assim os brinquedos colocam as crianças na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas.

Os principais materiais identificados através de pesquisas foram: palmeira da região, tronco de árvores, a vassoura do açai, sementes como a do bole-bole, até o lixo que os rios levam, como as garrafas plásticas pet. Bichara (1999) também identificou uma larga utilização de objetos da natureza (paus, pedras, folhas, areia, etc.), de sucatas, frascos vazios, pedaços de utensílios sem uso.

Machado (1994) considera que o brinquedo com sucata permite a quem brinca com ele desvendá-lo, ressignificá-lo, pois é um objeto que possui inúmeras simbologias que não são óbvias, nem evidentes, possibilitando, assim, novas e inusitadas relações. Esses brinquedos darão à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los.



Duplicando diversos tipos de realidades presentes, o brinquedo metamorfoseia e fotografa a realidade, não reproduzindo apenas objetos, mas uma totalidade social.

Aliado a regionalidade dos materiais utilizados pela criança/adolescente na construção de seus brinquedos, destaca-se a utilização de ferramentas como: facas, terçados, machados, peixeiras e martelos, com um certo incentivo pelos mais velhos. Pode-se dizer, portanto, que no contexto ribeirinho a utilização de ferramentas na construção de brinquedos faz parte da cultura infanto-juvenil.

O incentivo ao manuseio de ferramentas faz sentido haja vista que o contexto promove a inserção das crianças/adolescentes em atividades domésticas e de subsistência, como a pesca, a caça e a coleta. Então, desde cedo, mesmo as menores crianças, adquirem habilidades manuais, aperfeiçoadas na construção de brinquedos, o que se reflete na destreza dos adultos em construir canoas, armadilhas e residências com tamanha habilidade. Isto é, a transmissão de cultura ocorre por meio da construção desses materiais, de modo que as habilidades no mundo infantil se correlacionam às habilidades do homem ribeirinho adulto. Isso contribui para entender o desenvolvimento do homem amazônico tal como ele se apresenta no seu cotidiano, ou seja, como ele é capaz de sobreviver, manipulando os recursos da natureza, pescando, coletando, subindo e descendo de árvores, andando sobre troncos e equilibrando-se em pequenos cascos para se deslocar no rio.

Queiroz (2006 citando CERISARA, 2002) diz que na brincadeira, a criança pode dar outros sentidos aos objetos e jogos, seja a partir de sua própria ação ou imaginação, seja na trama de relações que estabelece com os amigos com os quais produz novos sentidos e os compartilha. A brincadeira pode também desenvolver aspectos físicos e sensoriais. Jogos sensoriais, em que precisa se movimentar, auxiliam a criança a desenvolver aspectos ligados à percepção, habilidades motoras, força, etc. (SMITH, 1982 *apud* CORDAZZO; VIEIRA, 2007, p. 94). Outrossim, o desenvolvimento emocional é também uma questão central da importância das brincadeiras. É através dela que as crianças, nas palavras de Cordazzo e Vieira (2007, p. 94), “[...] exprimem a agressividade, dominam a angústia, aumentam as experiências e estabelecem contatos sociais”. A brincadeira além de ser uma ferramenta para a criança desenvolver interações sociais, é uma oportunidade de mediar os sentimentos como raiva, alegria ou tristeza, que contribuiriam no seu desenvolvimento como indivíduo.



## Considerações finais

O contexto sociocultural da ilha do Combú, traz possibilidades importantes para o desenvolvimento da criança, pois os afazeres, os locais, os objetos e as simbologias transmitidas e construídas nas brincadeiras são importantes canalizadores para o desenvolvimento de uma identidade local. Visto que, é predominante nas brincadeiras cotidianas ribeirinhas temas relacionados como atividades domésticas, as profissões dos pais/familiares e comunidade, além dos meios de transportes típicos da região. É interessante observarmos que as brincadeiras amazônicas pouco se refletem nas interações das crianças como as brincadeiras lendárias/folclóricas, todavia elas expressam na maioria das vezes a profissão e os afazeres dos pais. Quando estas brincadeiras não ultrapassam a infância e o ser criança é positivo a medida em que as práticas culturais trazem a possibilidade de explorar e ampliar o próprio corpo, apropriando-se de gestos, ritmos, dinâmicas de movimento, controle de movimento através das brincadeiras, jogos, danças e demais situações de interação, pois assim descobrem que ao pular de uma árvore de sua localidade é necessário ter força, resistência e flexibilidade do seu próprio corpo ou também que ao nadar, é importante ter domínio da direção, reconhecer para onde as ondas do Rio estão indo e para onde podem te levar. Que ao remar é necessário constância dos movimentos, força nos braços e conhecimento das direções. Assim, estimulando, aprendendo e aperfeiçoando a controlar gradualmente os seus próprios movimentos na brincadeira, para ampliar e ajustar as habilidades motoras de manuseio de materiais e objetos, assim como do próprio movimento do corpo. Sendo assim, as crianças ribeirinhas trazem novos significados e formas para o seu universo infantil, atuando como co-construtores da cultura do seu grupo social, pois algumas brincadeiras podem ser encontrar em qualquer localidade, seja na cidade ou no campo, mas o que diferencia são os espaços e culturas que as crianças partilham de modo específico em sua regionalidade.

Podemos refletir também que ao manusear instrumentos na criação de brinquedos e artesanatos, as crianças partilham de afetividades emocionais que a inspiram a pensar em um determinado objeto que possa dar a ela o prazer para o momento da brincadeira, contribuindo para a pesquisa, para a imaginação e a capacidade criativa. Além de trazer à tona, a importância da reciclagem para o nosso meio ambiente com o uso do que a ilha pode disponibilizar para todos e todas, seja a folha de uma árvore, as pedrinhas, os troncos, até



mesmo os lixos que os rios levam como as garrafas pets, sacolas plásticas e entre outros materiais.

Este estudo nos trouxe a clareza de territorialidade geográfica da ilha, no qual pode-se identificar a importância das brincadeiras de modo específico, as suas formas de organização e regras, pois o pique-esconde para uma localidade ribeirinha funciona com as normas de uma região que é na beira do rio, que não dá para se esconder por exemplo atrás de um carro ou de poste de luz, porque só se pode brincar com aquilo que está ao seu alcance. Além das normas no momento da brincadeira local, que foram perpassadas pelas gerações, mas que ao brincar as crianças ribeirinhas vão criando novas maneiras, e nisso encontra-se o fazer cultura na infância. Portanto, espera-se que este estudo se torne significativo, para que o tema possa se tornar alvo cada vez mais as pesquisas atuais, em principal para aqueles que residem ou partilham da proximidade de uma comunidade que está à beira do rio, com o intuito de ampliarmos a nossa visão enquanto educadores, pesquisadores e professores que podem vir a mediar momentos prazerosos de brincadeiras que possam refletir realidades concretas que traga sentido, história, cultura, e identidade regional para que cada criança possa se reconhecer em seu cotidiano.

## Referências

BICHARA, I. D. Brincadeira e cultura: o faz de conta das crianças Xocó e do Mocambo (Porto da Folha/SE). **Temas de Psicologia**, 7(1), 57-64. 1999

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009b.

CASTRO, R. D.; ALMEIDA, R. B. J.; SOUZA, C. S. S.; SAID A. M. L.; RAMOS, P. F. A. Um estudo descritivo das brincadeiras em uma comunidade ribeirinha amazônica **Temas em Psicologia**, Sociedade Brasileira de Psicologia. Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 745-758, dezembro, 2014.

COLÔNIA DE FÉRIAS ILHA COMBU. Sbt Pará, Belém, 26 de julho de 2016. Disponível



em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IS8HWlu8KKI>>.

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007.

CORSARO, W. A. A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças. **Educação, Sociedade e Cultura**, Porto, Portugal, n. 17, p. 113-134, 2002.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo, a criança e a educação**. Tese (Livre-docência). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1992.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LARAIA, B. de. **Cultura**: um conceito antropológico. 22. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MACHADO, M. M. **O brinquedo de sucata e a criança**. São Paulo: Loyola, 1994.

MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MORCHIDA, K. T. Jogos, brinquedose brincadeiras do Brasil. **Espacios en Blanco. Revista de Educación**, Buenos Aires/Argentina, p. 81-105, 24 de junho de 2014.

OLIVEIRA, T. D.; COPATTI, C.; CALLAI, H. C. A educação na constituição do sujeito reflexões numa perspectiva cidadã. **Revista eletrônica da graduação/pós-graduação em educação UFG/REJ**, v. 14, n. 2, 2018.



PEREIRA, M. C. Cultura, Infância, Criança e Cultura Infantil: alguns conceitos. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 15, n. 1, p. 38-49, maio, 2013.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança** (4. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2010.

QUEIROZ, N. L. de N.; MACIEL, D. A.; BRANCO, A. U.; brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. Universidade de Brasília. Ribeirão Preto: **Paidéia**, 2006, 16(34), 169-179.

TEIXEIRA, S. R. S.; ALVES, J. M. . O contexto das brincadeiras das crianças ribeirinhas da Ilha do Combu. **Psicol. Reflex. Crit.** 2008, vol.21, n.3, pp.374-382.

TEIXEIRA, S. R. S. (2005) A construção de significados nas brincadeiras de faz-de-conta por crianças de uma turma de educação infantil ribeirinha da Amazônia. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa do Comportamento) —Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Pará.

VALSINER, J. (1997). **Culture and the development of children' action**: A theory of human development. New York: John Wiley & Sons.

VALSINER, J. (2000). **Culture and human development**. London: Sage.

VANNUCHI, A. **Cultura Brasileira**: o que é como se faz. 3.ed. São Paulo: Lojola,2002, p. 20-25.

VYGOTSKY, L. S. (1994). **A formação social da mente** (5. ed., J. Cipolla Neto, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L. S. (1998). **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes.